PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL

Lívia Catarina Matoso dos Santos Telles
João Guilherme Rodrigues Mendonça

EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Lívia Catarina Matoso dos Santos TELLES
João Guilherme Rodrigues MENDONÇA

PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL

1ª ed.

Piracanjuba-GO
Editora Conhecimento Livre
Piracanjuba-GO

1ª ed.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

TELLES, Livia Catarina Matoso dos Santos
T269P PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL
/ Livia Catarina Matoso dos Santos TELLES. João Guilherme Rodrigues MENDONÇA. –
Piracanjuba-GO

Editora Conhecimento Livre, 2021

42 f.: il

DOI: 10.37423/2021.edcl326

ISBN: 978-65-89955-43-6

Modo de acesso: World Wide Web

Incluir Bibliografia

1. educação-sexual 2. formação 3. docência I. TELLES, Livia Catarina Matoso dos Santos II.
MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues III. Título

CDU: 370

<https://doi.org/10.37423/2021.edcl326>

O conteúdo dos artigos e sua correção ortográfica são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Corpo Editorial

Dr. João Luís Ribeiro Ulhôa

Dra. Eyde Cristianne Saraiva-Bonatto

Dr. Anderson Reis de Sousa

MSc. Frederico Celestino Barbosa

MSc. Carlos Eduardo de Oliveira Gontijo

MSc. Plínio Ferreira Pires

Editora Conhecimento Livre

Piracanjuba-GO

2021

10.37423/2021.edcl326

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta proposta de formação se tornou possível porque diversos professores cederam parte de seu tempo e de seus conhecimentos por acreditarem que o campo da sexualidade humana e da Educação Sexual constitui espaço importante de atuação profissional em nossas escolas.

Apesar das dificuldades e limitações, os professores estiveram interessados em ampliar as suas visões e assim colaborarem na construção de uma proposta de formação como atividade reflexiva e de produção de conhecimentos, que leve ao “ensinar a pensar”, valorizando acima de tudo as pessoas e suas formas de viver e expressar as sexualidades.

Agradeço ao meu orientador João Guilherme Rodrigues Mendonça, pelo seu modo especial de ensinar a Educação Sexual, inspirando alunos e alunas a construírem uma escuta sensível e um diálogo de afeto. Também por sua capacidade ilimitada de compreensão e incentivo.

Na pessoa de Glécia Ranny Alves, agradeço a toda a equipe do CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social e do PAEFI – Serviço de Proteção e Atendimento Especializado de Assistência Social do município de Ji-Paraná/Rondônia

À Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (PROPESP) do Instituto Federal de Rondônia (PROPESP/Reitoria) pelo incentivo aos projetos de pesquisa na área da Educação Sexual e pelas parcerias com os mestrados e doutorados da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

À Enfermeira Rosiele Pinho Gonzaga da Silva e a Técnica em Enfermagem Rosângela Gromiko Helena, ambas do IFRO Campus Ji-Paraná, que apoiaram as ações de formação no que tange aos conhecimentos da área de saúde.

Na pessoa da Assistente Social Elaine Lucio Loebelin, IFRO Campus Ji-Paraná, agradeço a todos os profissionais da CAED (Coordenação de Assistência ao Educando) pelo incentivo e apoio.

À Vera Oliveira, psicóloga especialista em Sexualidade.

À todas as demais pessoas que ajudaram na organização e execução da pesquisa durante os momentos formativos.

APRESENTAÇÃO

Esta proposta de formação em Educação Sexual para professores trata-se de um produto educacional advindo da dissertação desenvolvida no decorrer do Mestrado em Educação Escolar (MEPE), da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

O produto educacional em questão tem a finalidade de ser um instrumento que possa servir para a compreensão do caminho metodológico percorrido por meio pesquisa-ação na formação docente, socializando as experiências e resultados para que possam servir como subsídios para outras pesquisas na área do ensino da Educação Sexual.

Esta proposta formativa pode se constituir em uma ferramenta pedagógica para nortear o trabalho com a formação do professor em Educação Sexual, formação esta realizada no ambiente escolar do qual o professor faz parte, sendo um recurso de consulta que procura ser didático e de fácil entendimento.

Conceber os produtos educacionais como ferramentas pedagógicas não deve ser o mesmo que tratá-los como manuais que devam ser seguidos sem uma análise crítica e contextualizada, porque:

[...] Tal produto não é mera transposição didática de uma escola para a outra. Muito menos um material didático pronto para ser manipulado por professores e estudantes. Pelo contrário, é vivo, contém fluência, movimento e nunca está pronto e acabado, porque representa a dinâmica das aulas [...] vivenciada pelos estudantes (SOUSA, 2015, p. 4).

É preciso reconhecer que os saberes elaborados e compartilhados nos produtos educacionais devem ser considerados como inacabados, necessitando ser reestruturados ao longo da prática docente.

O produto configurado como proposta de formação tem a intenção de reconhecer que na escola os professores também constroem conhecimentos, que ocorre um processo formativo a partir do contexto em que atuam esses professores, que suas formações contribuirão com um ensino de mais qualidade.

O Ministério da Educação no Brasil (MEC), em 1996, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), passa a estimular os projetos de Educação Sexual nas 5 escolas de educação básica, com a sua inclusão nos temas transversais (BRASIL, 1998).

Assim esta proposta poderá ser utilizada por pesquisadores, gestores, coordenadores, orientadores educacionais e professores das diversas modalidades e níveis de ensino, disponibilizando questões a

serem refletidas para proposição de procedimentos metodológicos e pedagógicos para projetos de formação em Educação Sexual.

Esta formação em Educação Sexual para professores é mais um instrumento para o ensino da sexualidade no espaço da escola, que não se limita a colocar em prática estratégias de ensino, mas envolve ensinar através da atitude de educador(a), mostrando que a sexualidade faz parte de cada um de nós e pode ser vivida de forma positiva e responsável.

A formação dos docentes em Educação Sexual deve ser uma prática constante, visto que ela permite múltiplas reflexões que vão ganhando questionamentos ao longo de sua trajetória, já que a Educação Sexual ao longo da sua história esteve agregada a valores diversos, seja por ordem da família, da igreja ou das instituições sociais.

Este tema nas últimas décadas passou a ser tratado como um problema social, já que interfere nos relacionamentos interpessoais e na saúde física e psicológica dos indivíduos e tem recebido investimentos dos órgãos públicos tornando as escolas públicas um dos principais palcos da intervenção na socialização afetivo-sexual dos adolescentes (ROSISTOLATO, 2009).

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTOS DA PROPOSTA DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL	9
3 METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO NO IFRO	11
4 ASSUNTOS QUE PODEM SER CATEGORIZADOS DURANTE A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL	14
4.1 GÊNERO	16
4.2 SEXO E SEXUALIDADE.....	17
4.3 HOMOSSEXUALIDADE	18
4.4 ABUSO E VIOLÊNCIA SEXUAL.....	20
4.5 DIVERSIDADE SEXUAL	21
4.6 INFECÇÕES E DOENÇAS RELACIONADAS AO COMPORTAMENTO SEXUAL	23
4.7 EDUCAÇÃO SEXUAL.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXOS	32
NOTAS	39

1 INTRODUÇÃO

Em termos de produção de conhecimento, a pesquisa-ação realizada no Mestrado Profissional em Educação Escolar (MEPE) teve como característica o fato de ser desenvolvida a partir de uma perspectiva de dentro do contexto analisado, oportunizando formação em Educação Sexual aos professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO).

A pesquisa-ação tem contribuído para elevar a capacidade de elaborar novas estratégias e processos que busquem entender, questionar e utilizar os conhecimentos científicos e tecnológicos, a fim de possibilitar a melhoria do processo de ensino-aprendizagem e de pesquisa em seus diversos níveis.

Apresentaremos nesta proposta de formação em Educação Sexual para professores algumas possibilidades de interação e articulação da Educação Sexual com as práticas sociais, proporcionando igualdade de direitos e propondo novas atitudes que não privilegiem a ideia de reforço as diferenças, além de outros aspectos fundamentais desenvolvidos em um currículo democrático e abrangente de oportunidades para todos.

A Educação Sexual não é um tema consensual, antes gera várias abordagens e discussões, preconceitos e tabus: “Após muita luta é que esse tema ganhou a notoriedade, credibilidade e importância que ele merece” (NUNES; SILVA, 2000).

Acreditamos que a Educação Sexual, independentemente da proposta de cada instituição escolar, deve especialmente levar os professores a uma postura crítica sobre o mercantilismo sexual, tendo em vista que tratar da sexualidade na escola requer o alicerce de uma concepção científica e humanista desta sexualidade, superando o senso comum, que é o nível primário do conhecimento social, por uma abordagem histórica e cultural sobre a construção da sexualidade humana (NUNES; SILVA, 2000).

Consideramos que a família tenha um papel fundamental na construção de uma ética da sexualidade, pois é através dela que surgem as primeiras aquisições valorativas da vida e da própria sexualidade. Assim, a Educação Sexual escolar vem complementar, enriquecer, levantar questionamentos e contribuir para a formação ética da sexualidade humana. Neste sentido, a Educação Sexual na escola:

[...] diferencia-se, pois, da abordagem assistemática realizada pela família, principalmente no que diz respeito à transmissão dos valores morais indissociáveis à sexualidade. Se, por um lado, os pais exercem legitimamente seu papel ao transmitirem seus valores particulares aos filhos, por outro lado, o papel da escola é o de ampliar esse conhecimento em direção à diversidade

de valores existentes na sociedade, para que o aluno possa, ao discuti-las, opinar sobre o que lhe foi ou é apresentado. (SAYÃO, 1997, p. 29)

Partindo desta visão sobre qual deve ser o papel da escola com relação a Educação Sexual, foi proposta uma formação em Educação Sexual para professores do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) que proporcionou a ressignificação dos objetivos de se realizar uma formação deste tipo, trazendo novas visões e opiniões destes professores buscando construir uma formação em Educação Sexual que se aproxime dos conflitos que enfrentam na escola.

Definiu-se como o objetivo geral da pesquisa compreender como a Educação Sexual faz parte da formação dos professores do IFRO e os objetivos específicos de conhecer como os professores compreendem e abordam a Educação Sexual no âmbito do IFRO e criar e desenvolver grupos de estudos (ou de discussão) em Educação Sexual.

Por meio de uma intervenção no grupo de estudos descobrimos que os professores tinham interesse em tratar, inicialmente, sobre sexo, gênero e sexualidade, contudo deixavam o interesse de lado pelo fato de não saberem lidar com o caráter emocional ligado a estes temas.

Por isso, perguntou-se aos professores, por meio de uma pergunta aberta que fazia parte do questionário, sobre “Quais os assuntos sobre gênero, sexualidade e sexo que despertam seu interesse?”

A partir deste questionamento foram surgindo as categorias de Gênero, Sexo e Sexualidade, Homossexualidade, Abuso e Violência Sexual, Diversidade Sexual, Infecções e doenças relacionadas ao comportamento sexual e a Educação Sexual.

A Educação Sexual requer do educador competências científicas, pedagógicas, embasamento teórico, conhecimento histórico, maturidade afetiva e valores éticos e estéticos.

Observamos que essas competências não estão sendo desenvolvidas na formação acadêmica, já que um dos resultados da pesquisa apontou que 73% (ou seja, 22 dos 30 professores participantes) não tiveram formação em Educação Sexual durante a Graduação, Especialização ou Pós-graduação (Mestrado e Doutorado).

Essa lacuna de formação pode ser minimizada através de projetos de formação em Educação Sexual desenvolvidos na escola, como este que foi desenvolvido por meio da pesquisa-ação.

Assim, descreveremos os passos utilizados na pesquisa-ação desenvolvida pelos professores do IFRO, de forma que possa servir como meio para a construção de projetos futuros que tenham como norte

uma formação em Educação Sexual como uma atividade reflexiva, ética, política, social e histórica, adquirindo, portanto, um caráter variável e complexo, se tornando uma oportunidade de investigação para o professor, considerado na pesquisa-ação como um sujeito produtor de conhecimentos.

2 FUNDAMENTOS DA PROPOSTA DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL

Ao se propor uma formação em Educação Sexual para professores, depara-se com o questionamento de como seria possível desenvolver projetos de Educação Sexual na escola quando os próprios docentes e a equipe pedagógica concebem a sexualidade de maneira conservadora, repressora ou preconceituosa.

Se os próprios educadores não estão abertos para compreenderem, ouvirem e debaterem sobre as manifestações e inquietações que a sexualidade desperta, como então suscitar essa discussão?

É preciso repensar os fundamentos das propostas de formação de professores em Educação Sexual, de forma que estas formações estejam articuladas com a produção de conhecimentos, almejando o “ensinar a ouvir” que desperte no professor sua capacidade de ouvir, ouvir o outro e ouvir a si mesmo, para compreender o porquê de a sexualidade, por exemplo, ser encarada como algo ruim, pecaminoso, sujo ou desprovido de méritos para ser um conteúdo de ensino.

Fazemos pesquisas para compreender questões e abrir possibilidades de reflexão de alcance mais amplo do que os questionamentos e posicionamentos pessoais ou subjetivos. Na pesquisa em Educação Sexual, não podemos deixar de considerar que nossas motivações e indagações pessoais dão a primeira forma às questões que investigamos.

Sabemos que é difícil superar os objetivos reducionistas das próprias diretrizes oficiais de políticas de saúde sexual (prevenção de doenças), bem como sabemos que há inúmeras resistências dentro do próprio espaço escolar e social para debatermos a sexualidade.

Mas a sexualidade, como um dos núcleos fundamentais da personalidade humana, não se reduz apenas em momentos e comportamentos, nem muito menos a doenças e infecções sexualmente transmissíveis. A sexualidade envolve a responsabilidade afetiva e sexual, mas também nos torna mais humanizados, entendemos o quão importante é que essa temática seja tratada de maneira natural e debatida abertamente no ambiente educacional.

Um importante fundamento para se propor uma formação em Educação Sexual é, sem dúvidas, o direito a ela. Liberdade, igualdade e não-discriminação, bem como a proteção da dignidade humana,

são os fundamentos que estruturam o desenvolvimento de um direito democrático da sexualidade, compatível com o pluralismo e a laicidade requeridas pelas sociedades democráticas contemporâneas. Neste processo de formação, é importante que o professor conheça as bases filosóficas, sociológicas e pedagógicas ao tratar sobre Educação Sexual.

Faremos um paralelo entre os modelos de formação em Educação Sexual que mais são utilizados nas chamadas formações continuadas e o modelo de formação por meio da pesquisa-ação, que leva em consideração o papel que o professor desempenha na formação, como são produzidos os materiais usados na formação, quais os métodos e estratégias de ensino para promover ou a assimilação de conteúdos prontos ou, em contraponto, a produção de saberes.

Quadro 1. Concepções de formação em Educação Sexual

CONCEPÇÕES DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL		
	Formações continuadas	Formação por meio da pesquisa-ação
Visão do papel do professor na formação	Recebe e transmite concepções e conceitos prontos. Ex.: conceito de gênero	É um pesquisador que produz o conhecimento que pretende ensinar. Ex.: como o conceito de gênero é construído na sociedade?
Material	São produzidos anteriormente a formação, normalmente em forma de manuais. Privilegia-se o “saber-fazer”. É baseado em conteúdos pré-estabelecidos.	São selecionados artigos e textos científicos para contextualizar os saberes dos professores. Privilegia-se o “ensinar a pensar”.
Método	O formador apresenta os temas de estudo de acordo com o material escolhido. O formador expõe os conteúdos através de slides ou outros meios de apresentação. Ao professor cabe seguir uma determinada concepção de sexualidade ou gênero, de acordo com a do formador ou da instituição que trabalha.	Os professores elencam problemas, conflitos ou assuntos que desejam conhecer mais profundamente. Surgem as categorias de análises. Cada professor constrói a sua abordagem como educador sexual, identificando-se ou não com as concepções debatidas pelo grupo de estudos do qual faz parte.

Fonte: a autora

Apesar de estarmos tratando especificamente sobre a formação em Educação Sexual para professores, é preciso saber que nem só os professores devem ser objeto de formação em Educação Sexual na escola:

[...] a Educação Sexual na escola pode e deve incluir ações de capacitação para professores, coordenadores, gestores e toda equipe que lida com os alunos, como o pessoal da cantina, da limpeza etc. Além de abarcar também ações de sensibilização e orientação para pais e familiares. Isso ajudará a realizar uma Educação Sexual de maior qualidade. (MULLER, 2013, p. 72)

Os professores apresentam receios de trabalhar a Educação Sexual em sala de aula pelo fato de necessitarem de um determinado tipo de apoio, que pode ser feito com a cooperação de outros professores e dos demais profissionais da escola, como também garantindo o envolvimento dos pais dos alunos nos projetos de Educação Sexual. Assim, a escola e os pais devem apoiar-se mutuamente num processo contínuo de Educação Sexual (WHO, 2010).

Revela-se a necessidade do envolvimento de uma equipe multiprofissional que apoie o professor em sala de aula através da cooperação de profissionais com diferentes especialidades. Who (2010) sugere uma participação ainda mais alargada, com colaboração de cientistas, políticos, educadores e representantes dos grupos-alvo, para conceber e implementar formações de professores que estejam condizentes com uma sociedade democrática e diversa.

Na pesquisa-ação desenvolvida no IFRO, a etapa da intervenção contou com a colaboração de alguns profissionais da escola e externos, tais como enfermeiro, assistente social e psicólogo.

Quanto a uma das temáticas emergidas das discussões, abuso e violência sexual, fez-se uma parceria com o Centro de Referência em Assistência Social (CREAS) do município de Ji-Paraná/RO. O CREAS de Ji-Paraná atendeu, em 2015, 117 crianças e adolescentes¹ que sofreram algum tipo de abuso sexual. Estes dados acabaram despertando a atenção de alguns professores no sentido de perceberem a extensão da violência sexual no município que vivem.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO NO IFRO

Definiu-se como o objetivo geral da pesquisa compreender como a Educação Sexual faz parte da formação dos professores do IFRO e os objetivos específicos de conhecer como os professores compreendem e abordam a Educação Sexual no âmbito do IFRO e criar e desenvolver grupos de estudos em Educação Sexual.

Podemos indicar alguns outros objetivos que podem ser desenvolvidos na formação de professores em Educação Sexual, tais como:

- O respeito à diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade humana;
- Posicionamento contra discriminações relacionadas ao gênero;

- Identificação dos próprios sentimentos, desejos, sem, por isso, desrespeitar os sentimentos e desejos dos outros;
- Proteção contra relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores.

Tais objetivos deixam claro que a escola precisa desenvolver uma forma de Educação Sexual que permita compreender o que acontece com os professores e que esclareça o papel do mesmo ao discutir sobre os relacionamentos, sobre a posição dos gêneros nos relacionamentos, respeitar-se e respeitar as aprendizagens de seus alunos.

Como estratégia metodológica, sugere-se utilizar encontros que podem ser em formato de oficinas, propiciando metodologias de participação ampla dos professores em debates. Esta proposta de trabalho sugere também a utilização de debates pois se considera que estes possibilitam o envolvimento dos participantes e a troca de experiências, expondo os diferentes olhares e julgamentos acerca de determinadas temáticas. Leituras complementares também são necessárias.

A metodologia de formação em Educação Sexual pode ser desenvolvida e aprendida nas relações que se dão no interior da escola. Por isso, é importante que professores e professoras discutam seus pontos de vista e que exista uma pluralidade de valores, para que, diante dos impasses e da possibilidade de utilizar a sexualidade como tema transversal, possam proporcionar uma discussão que conceba as várias opiniões e posições representadas na sociedade, sem estimular preconceitos e competições.

A pesquisa-ação pode ser desenvolvida em três momentos. O primeiro momento se constitui na divulgação e convite para participação na pesquisa, o segundo momento é a entrega e análise do questionário e o terceiro momento é a formação e desenvolvimento dos grupos de estudos.

Na pesquisa-ação desenvolvida com os professores do IFRO, o primeiro momento ocorreu através da abordagem individual com o professor, momento no qual foi entregue um questionário. Para todos os professores que aceitaram participar da pesquisa foi entregue um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE)² pessoalmente, em um envelope do tipo A-4, juntamente com o questionário para ser preenchido em momento oportuno, sendo que o professor teve até 7 dias para entregar o mesmo em mãos a pesquisadora.

O segundo momento visou determinar o campo da investigação, as expectativas iniciais do grupo e indagar as causas do fenômeno por meio de um questionário. Os fenômenos observáveis foram problemas que envolviam a sexualidade, sexo ou gênero.

O terceiro momento reuniu os professores que desejaram participar da pesquisa e assinaram o TCLE, se constituiu em uma etapa para recolher as propostas de todos e estabelecer em conjunto as diretrizes da pesquisa e da ação pretendida, em busca de promover um diagnóstico participativo.

Os encontros foram organizados após a análise de dados do questionário, de acordo com os resultados do levantamento de dados obtido e o número de participantes. A metodologia foi organizada de forma a poder ser desenvolvida paralelamente com as demais atividades dos professores do IFRO, portanto a quantidade de encontros, tempo de duração e local dos grupos foi definida com os professores.

A metodologia dos encontros buscou ser flexível e de comum acordo com os participantes, pautada como um meio de organização dos debates e discussões, tendo em vista que os temas abordados poderiam suscitar polêmicas e opiniões divergentes, portanto seria importante construir um espaço democrático onde todos pudessem ser ouvidos e também tivessem garantidos momentos de expressarem suas opiniões. Os grupos de estudos são uma forma de intervenção que busca dar encaminhamento as problemáticas levantadas.

A pesquisa-ação pode contribuir para uma Educação Inclusiva onde a temática da sexualidade colabore de forma positiva para ajudar os professores a superarem suas dúvidas, ansiedades, angústias, que acabam prejudicando o ensino aprendizagem como um todo.

Buscou-se uma estreita interação entre a pesquisa e a prática, entre o processo de investigação e da ação interativa. A pesquisa-ação supõe a superação da relação de distanciamento entre o pesquisador, que tem um suporte teórico e metodológico, e as pessoas envolvidas, que contribuem com suas experiências, vivências e conhecimentos de sua própria realidade.

A pesquisa-ação desenvolvida no IFRO foi planejada para suprir uma carência formativa com relação à Educação Sexual, sabendo-se que a tarefa da Educação Sexual é árdua, assim como todo o trabalho educativo. Porém, além de todas as dificuldades previstas concebia-se a possibilidade de lidar com preconceitos e resistências. “Essas resistências podem ser observadas até mesmo dentro de nós. É um susto, temos que nos dar conta de que fomos educados dentro de uma sociedade patriarcal, cheia de tabus, de desinformação e medo de mudanças” (SUPLICY, 1994, p.4).

Desde o início das atividades, no ano de 2009, não havia no IFRO projetos ou grupos de estudos com foco nas questões de Educação Sexual. Havia diversas situações envolvendo os alunos, principalmente os adolescentes, no que tange a questões sobre a sexualidade e o gênero, como trajar roupas

inadequadas ao ambiente escolar, “namoros” nas dependências da escola, desrespeito com a orientação sexual escolhida, “brincadeiras” envolvendo o sexo.

Os professores do IFRO estão em contato com alunos adolescentes, é na fase da adolescência onde estão se manifestando os primeiros desejos sexuais e há também uma grande dificuldade de muitos jovens na compreensão de sua própria identidade sexual. Estão na fase de descoberta de si mesmos. Ocorre que no contato com os alunos adolescentes, os professores vivenciam momentos em que precisam tratar da sexualidade devido a demanda dos alunos, mas eles próprios não compreenderam bem a sexualidade quando eram adolescentes.

Na maioria das vezes, o professor prefere que esse tema seja tratado apenas como fator biológico, trazendo informações superficiais e que não despertam o interesse por parte dos alunos. Por outro lado, são poucos os professores que se disponibilizam para tratar sobre esse assunto de maneira que possa trazer informações relevantes aos jovens, no sentido de instruir sobre suas dúvidas com relação à sexualidade.

Considera-se que muitos jovens obtêm informações sobre sexo através de amigos e também da mídia, contudo, são informações incompletas. Daí a necessidade da contribuição escolar numa perspectiva orientadora sobre os educandos para que estes compreendam a sexualidade de uma forma responsável e esclarecedora, pois informações apenas não bastam, é preciso educar.

Mas para educar os jovens é preciso antes formar o professor. Torna-se necessário construir uma formação em Educação Sexual que possa ser ofertada dentro da escola, com uma metodologia participativa que visa contribuir com as discussões de questões relacionadas à sexualidade e relações de gênero nas diversas disciplinas, e ao longo de todas as propostas pedagógicas da escola, pois a mesma temática está presente no currículo escolar.

A metodologia da pesquisa-ação tornou-se um meio para suscitar a concretização dessa formação, tendo em vista que muitos professores faziam encaminhamentos sobre questões sexuais dos alunos, contudo poucos tinham interesse de debater o assunto. Com uma metodologia participativa, por meio de encontros, poderia se desenvolver um momento formativo em que as questões sexuais pudessem ser debatidas de forma organizada e reflexiva.

4 ASSUNTOS QUE PODEM SER CATEGORIZADOS DURANTE A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL

Para Bardin (2007), o termo análise de conteúdo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo

das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Os conteúdos devem emergir de ambiente participativo com discussões em grupo que favoreçam o exercício das relações afetivas e fortaleçam o autoconhecimento, o autocuidado e o cuidado com o outro. Para construir um ambiente participativo podemos:

- Desenvolver ações formativas relacionadas ao gênero e sexualidade baseada nas demandas e necessidades trazidas pelos professores;
- Sensibilizar os professores sobre como suas ações requerem responsabilidades;
- Dirimir dúvidas e incertezas;
- Esclarecer mitos e tabus sobre sexualidade;
- Discutir sobre valores culturais, relações sociais e familiares e problemas emocionais relacionados ao sexo;
- Identificar o papel da mídia nas relações ligadas à sexualidade e aos valores;
- Contribuir para uma reflexão acerca das consequências psicológicas de uma má intervenção sexual.

Pode-se utilizar Bardin (2007) para analisar as categorias que surgem a partir da análise de conteúdo realizada através das falas dos professores, sendo que na pesquisa desenvolvida com os professores do IFRO surgiram as seguintes categorias:

- a) Gênero;
- b) Sexo e Sexualidade;
- c) Homossexualidade;
- d) Abuso e Violência Sexual;
- e) Diversidade Sexual;
- f) Infecções e doenças relacionadas ao comportamento sexual;
- g) Educação Sexual.

Veremos como cada uma dessas categorias foram definidas durante a pesquisa, considerando que não pode haver Educação Sexual em um vazio relacional. Seja qual for o tipo de intervenção que se adote, terá sempre que haver um investimento na construção de uma relação empática, segura e aceitante (FIGUEIRÓ, 2006).

4.1 GÊNERO

Com relação à categoria 1, o objetivo foi de conhecer como os professores compreendem e abordam a Educação Sexual no âmbito do IFRO. Sobre as questões do gênero os professores afirmaram que:

O que mais me preocupa, hoje, é a questão dos gêneros e da orientação sexual. Talvez tenha dificuldade para lidar com situações inusitadas. (P2)

Como se portar frente às ações e manifestações de gênero dentro do ambiente escolar. (P3)

A identidade de gênero, por ser um assunto polêmico e cujas legislações específicas começaram a vigorar. (P8)

Conceitos, diferença entre gênero e sexo, orientação sexual, discriminação, preconceito, diversidade de gêneros, auto aceitação, etc. (P10)

Entende-se que o gênero é, em grande parte, uma criação sociocultural que se realiza através das representações e estereótipos de feminilidade e de masculinidade impostos direta ou indiretamente ao indivíduo ao longo da vida. Deste modo, homens e mulheres constroem suas identidades acreditando serem inerentes ao seu gênero, sem se dar conta das regras que lhes são incutidas sutilmente e que estão enraizadas e perpetua das na sociedade por um longo tempo.

O conceito de gênero veio contrapor-se ao conceito de sexo. Se este último se refere de forma geral as diferenças biológicas entre homem e mulher, o primeiro diz respeito à construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. O que quer dizer que agir e sentir-se como homem e como mulher depende de cada contexto sociocultural.

No terreno dos gêneros, o grande desafio não é aceitar que as posições se tenham multiplicado, que é impossível lidar com elas a partir do binarismo (masculino/feminino, heterossexual/homossexual).

O desafio maior, segundo Louro (2004) talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver.

O professor P10³ levantou a questão da discriminação e preconceito. Quanto a isso, Louro (2010) comenta que, se por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais, por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física.

4.2 SEXO E SEXUALIDADE

A discussão do sexo e da sexualidade traz para a escola muitas das contradições da sociedade, o que desencadeia um movimento de repensar sexo e sexualidade tanto na esfera individual como coletiva, por meio dos grupos, possibilitando a construção de novas ideias.

A sexualidade construída ao longo da vida encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito.

Ao longo do mapeamento das respostas dos professores, sexo, atrelado ao conceito de sexualidade, indica um eixo de possibilidade formativa, assim como os temas da homossexualidade, abuso sexual, diversidade sexual e as ISTs.

Sexualidade e sexo: mitos e tabus (P4)

Sexo: características fisiológicas que diferenciam os seres humanos. (P15)

Salienta-se a compreensão de que gênero e sexualidade são elementos que se imbricam e são construídos ao longo de toda vida, de muitos modos, por todos os sujeitos, compostos e definidos por relações sociais e moldados pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 1997).

No contexto sociocultural, o tema sexualidade ainda encontra-se imerso em tabus e princípios morais fortemente enraizados, gerando problemas e dificuldades para a ampliação de espaços de diálogo:

É indispensável admitir que a escola é um espaço sexualizado, assim como outros espaços. Cabe à família dizer o que é o certo e o errado, à escola cabe ampliar e discutir o tema, sabendo que gera divergências, pois sexo e sexualidade têm haver também com valores. (P4)

É importante que o trabalho da escola ajude a refletir e a debater sobre os valores que estão associados ao sexo e a sexualidade, porque esses valores não são passados somente pela família, mas por diversos meios como a mídia e as instituições sociais, sendo que deve ser assegurada ao professor e ao aluno a liberdade de construir e reconstruir suas concepções e valores, tendo acesso ao conhecimento sexual.

É preciso considerar que ao tratar sobre sexo e sexualidade possa-se construir uma abordagem pedagógica que contemple o respeito ao pensamento do aluno, incluindo o respeito as suas crenças ou sua religião, já que estas influenciam na vivência do sexo e da sexualidade.

Questões ou obstáculos de ordem sexual são construídos e perpetuados devido à influência da Educação Sexual recebida pela família de origem. Tal educação, transmitida e recebida de geração em

geração, está impregnada por fatores que costumam trazer consequências marcantes para o comportamento e sexualidade de seus integrantes, visto que em alguns ambientes familiares as manifestações de sexualidade dos seus membros são contidas por meio de atitudes repressoras ou até mesmo através da omissão.

Os professores podem encontrar dificuldades em trabalhar os temas sexo e sexualidade a partir dos saberes dos alunos, pois os percebem como objetos de suas ações pedagógicas. A preocupação não está em ouvi-los, mas em transmitir-lhes informações. Outros professores preocupam-se em controlar ou cercear a sexualidade dos educandos:

Os alunos, às vezes, fazem perguntas sobre assuntos delicados, como a questão de ser gay, tem professores que tem receio de falar sobre sexo e sexualidade porque não concordam com isso. (P8)

A influência do fator educacional sobre a sexualidade deve ocorrer como uma proposta de preparação para a vida pessoal, social e particularmente familiar, que se alimenta em valores de vida, de responsabilidade de respeito humano. Mas como o professor e a escola podem lidar com a questão da homossexualidade?

Para Bourdieu (2002), a escola não apenas transmite e constrói conhecimento, mas também reproduz padrões sociais, perpetuando valores e construindo sujeitos.

Foi perguntado aos professores sobre quais as práticas pedagógicas que poderiam ser adotadas para propiciar ao aluno o exercício de sua cidadania em relação a vivência da sexualidade. Falou-se em cidadania porque os professores relataram que a homossexualidade na escola, muitas vezes, é vista com preconceito, gerando constrangimento, violência psicológica e até física, o que leva a evasão escolar.

Então o que se tem feito para inibir as práticas de bullying aos homossexuais dentro da escola? A partir dessas questões foi discutida a categoria homossexualidade.

4.3 HOMOSSEXUALIDADE

Os professores são sujeitos questionadores da própria possibilidade de reproduzirem hierarquias e desigualdades em torno do tema homossexualidade nos cursos de formação de professores e consequentemente na prática pedagógica.

As concepções binárias, a exemplo dos conceitos de heterossexual ou homossexual, homem ou mulher, também se divide no que é considerado próprio do gênero masculino e o que é próprio do gênero feminino, de modo que essas características pareçam naturais e imutáveis.

Dois dos professores demonstraram interesse em saber como lidar com os alunos ou alunas homossexuais em sala de aula.

Eu noto que a homossexualidade é um drama para alguns alunos adolescentes. Você vê que a turma toda o trata como gay, mas o aluno não fala nada. Outros já escancaram isso, na semana passada entrei na sala e tinha um aluno todo maquiado. (P6)

Também vi este aluno maquiado. Estava de salto. Ele vai ser a noiva da quadrilha da festa junina. No caso dele, é bem resolvido. Agora me preocupa aqueles que são gays e vulneráveis, que não se afirmam. (P12)

Homossexualidade é a atração sexual, emocional e afetiva de pessoas de um sexo por pessoas do mesmo sexo. Conforme Mott (2003) pode-se identificar diversidade nos comportamentos homossexuais. Ser gay não é exatamente ser afeminado, e nem lésbica tem que ser necessariamente uma mulher não feminina, a aparência externa nem sempre traduz as intenções do indivíduo.

Os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo foram qualificados de maneira diferente pelos vários campos de saber. Roudinesco (2003) diz que tanto a medicina quanto o judiciário tiveram uma significativa influência na constituição do conceito de homossexualidade.

Assim, a religião qualificou o sodomita como perverso, a medicina o considerou um doente e o judiciário um criminoso. Nesse cenário, portanto, a relação entre pessoas do mesmo sexo era entendida como

[...] uma inversão sexual, isto é, uma anomalia psíquica, mental ou de natureza constitutiva e, em quaisquer circunstâncias, como a expressão de um distúrbio da identidade ou da personalidade, podendo ir até a psicose e frequentemente levando ao suicídio (ROUDINESCO, 2003:184).

Atualmente percebe-se que as mudanças históricas, como a exclusão da homossexualidade da categoria diagnóstica de doença, a conscientização de órgãos da saúde no combate ao preconceito e a fundação de grupos militantes, fizeram com que se modificasse, pelo menos parcialmente, o modo como algumas pessoas veem o fenômeno da homossexualidade, passando a compreendê-lo melhor. Ainda assim, pode-se constatar a presença do preconceito em muitos âmbitos de nossa sociedade.

Outras mudanças também foram importantes no sentido de apontar alterações significativas quanto a essa questão. Atualmente, admitem-se outras formas de união reconhecidas socialmente que não só o casamento oficializado pelo Estado. A sociedade começou a valorizar mais a liberdade de escolha

das relações entre as pessoas e a orientação sexual passou a ser vista como uma opção e não como um elemento ilícito passível de culpa (DIAS, 2006). 22

O preconceito é baseado em fatores culturais, seus fundamentos são predominantemente subjetivos e se justificam por meio de argumentos não racionais. O que determina a principal característica do preconceito é o fato de constituir uma opinião a partir de julgamentos prévios, sem base em observações concretas e reflexões anteriores. O preconceito é uma visão irrefletida e não crítica da realidade social.

Entretanto, ainda há aqueles que, por ignorância, preconceito, comodidade, se “recusam” a notar os alunos que fogem à regra heterossexual, invisibilizando-os, e se distanciando do papel da escola, que deveria ter como proposta maior ser uma instituição de transformação social.

É necessário aludir que as diferenças fazem parte da sociedade e devem ser não apenas aceitas, mas questionadas e compreendidas baseando-se na equidade e contestando-se as injustiças ocasionadas pelos padrões que variadas instâncias sociais, inclusive a escola, insistem em manter, tais como a heteronormatividade.

4.4 ABUSO E VIOLÊNCIA SEXUAL

A violência é algo complexo e polissêmico, isto é, apresenta diferentes sentidos, e o seu significado se define a partir do seu contexto formador social, econômico e cultural, de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade e levando em considerações os seus níveis de tolerância para com a violência (SANTOS, 1999).

Frequentemente, a violência é praticada em ambientes de trabalho, diante da relação empregado-empregador. Algumas profissões são consideradas de alto risco e mais sujeitas à vitimação potencial no imaginário coletivo, que tem algumas relações como inevitáveis: o médico e a enfermeira, o diretor e a atriz, o chefe e a secretária, assim como o professor e a aluna (FREITAS, 2001). Um professor considerou a questão da violência sexual no sentido de *“Abuso sexual, estupro e questões de pedofilia e tudo mais na temática sexual me interessa”*. (P14)

Essas relações acontecem entre desiguais, não pela questão de gênero masculino versus feminino, apesar de geralmente o abusador ser do sexo masculino, mas porque um dos elementos da relação dispõe de formas de penalizar o outro lado (FREITAS, 2001).

Já o abuso sexual consiste, segundo Fuks (2005) em uma forma de vitimização, ou seja, uma violência caracterizada por uma dimensão pessoal, interpessoal. A criança vitimizada é reduzida à condição de objeto de maus tratos. A autora caracteriza resumidamente abuso sexual como:

[...] a exploração de uma relação de poder sobre as crianças para a gratificação sexual de um adulto ou de uma outra criança significativamente maior. Os fatores que definem são a relação de poder e a incapacidade das crianças de dar um consentimento consciente (FUKS, 2005, p.17).

O abuso sexual é uma situação em que uma criança ou adolescente é usado para a gratificação sexual de um adulto ou de um adolescente mais velho, configurando-se em uma relação de poder e dominação. Dessa forma “A Educação Sexual tem sido chamada a considerar e a refletir sobre um problema social: os casos em que a criança e jovens são vítimas de Abuso Sexual e Pedofilia”. (FURLANI, 2011, p. 92).

As ações educativas relacionadas ao combate à violência sexual, sobretudo aquelas que discutem o corpo humano, voltadas ao desenvolvimento da autonomia pessoal e corporal, podem ajudar as crianças e adolescentes a identificar o momento em que a pessoa adulta ultrapassa os limites de sua intimidade, causando-lhes constrangimentos. Nesta perspectiva:

O trabalho com a Educação Sexual deve produzir um efeito encorajador no universo infantil/adolescente, para que as crianças, no caso de experienciar algum tipo de violência sexual, sintam-se seguras para procurar apoio e denunciar o abusador. (FURLANI, 2011, p. 92).

Uma professora disse que “*Nossa sociedade é omissa quanto ao abuso, a própria família muitas vezes não faz nada, então fica aquela sensação de que nada vai ser feito contra o abusador. Até que se prove algo é difícil*”. (P18). Sabendo disso, é importante ressaltar o efeito encorajador da Educação Sexual no sentido de que os professores saibam ensinar aos alunos a perceberem uma situação de abuso e até mesmo evitá-la.

4.5 DIVERSIDADE SEXUAL

A educação contemporânea tem se constituído também através de contestações e questionamentos em relação ao limite da norma. Conforme ressalta Louro (2004), vivemos um momento no qual as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis e as fórmulas, inoperantes, de maneira que se torna quase impossível estancar as novas questões surgidas na modernidade. Não há como ignorar as novas práticas, os novos sujeitos e suas contestações ao estabelecido.

Por isso, a vocação normalizadora da Educação vê-se ameaçada. Um dos professores teve o interesse de saber *“como a sociedade encara a ascensão da diversidade sexual, principalmente entre os jovens, a sexualidade na adolescência contemporânea. (P20)*

Um outro professor disse que a diversidade sexual é um tema que não pode deixar de ser debatido por causa do preconceito, porque *“[...] enquanto isso os alunos gays e trans evadem porque a escola não faz nada para que permaneçam, eles não se sentem acolhidos”. (P7)*

Conforme Louro (2004) essa dificuldade do espaço educacional em tratar de assuntos como a diversidade sexual talvez possa ser entendida pela predominância, nesta área, do conhecimento de proposições cristalizadas e essencialistas para pensar a identidade.

Louro (2004) diz que é no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais, incluindo as identidades sexuais e de gênero. Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais: Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência:

Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais (LOURO, 2004, p.14).

Relatos de posturas indicam que os professores têm dificuldades em lidar com a diversidade sexual, com a homoafetividade e as relações de gênero e tendem a abordar a Educação Sexual de forma desigual para ambos os sexos, perpetuando com essa prática a discriminação e os estereótipos. Louro assinala que:

[...] há em tudo isto um clima de medo [...] São evidentes as dificuldades de educadoras e educadores, em associar a sexualidade ao prazer e à vida. Parece mais fácil exercer uma função de sentinela, sempre atenta à ameaça dos perigos, dos abusos e dos problemas. São os possíveis riscos e danos que fornecem a pauta para as aulas de Educação Sexual (LOURO, 2000, p. 55).

Nesse contexto, deve haver todo um compromisso coletivo para que o espaço da escola constitua um lugar de respeito e valorização da diversidade, num processo educativo em que as diferenças sejam vistas como riqueza, e não mais transformadas em desigualdades ultrajantes que ferem e

desrespeitam a dignidade humana. Uma professora disse que falar em diversidade sexual *“era levar a promiscuidade, a prostituição e a vulgaridade para dentro da escola”*. (P2). Sendo que a partir de uma melhor compreensão sobre como trabalhar o tema, percebeu que *“o debate sério sobre esses temas nada tem a ver com promiscuidade, mas sim com o respeito ao aluno, não é tomar partido de movimento LGBT, é garantir que o aluno seja tratado com respeito, independentemente de suas escolhas sexuais”*. (P2).

Um outro professor comentou que *“hoje há muita polaridade nas discussões sobre ideologia de gênero, para mim Deus fez o gênero masculino e feminino, mas outros pensam diferente. Eu quero também que respeitem meu ponto de vista”*. (P5)

Assim, no debate sobre diversidade sexual, é primordial o respeito as opiniões, na busca de uma ética sexual em vez de um discurso alarmista estigmatizador de que tratar sobre diversidade sexual é quebrar os padrões morais.

Na dimensão ética, não se pode conceber a Educação Sexual sem a referência contínua dos valores da sociedade, incluindo os valores religiosos. É no âmbito sadio e inevitável do pluralismo de concepções sobre diversidade sexual que de fato pode-se tratá-la com todas as pessoas, sendo importante compreender a moral sexual de cada indivíduo.

4.6 INFECÇÕES E DOENÇAS RELACIONADAS AO COMPORTAMENTO SEXUAL

Apesar de todo o desenvolvimento sociocultural e tecnológico ocorrido no século XX, informações relacionadas ao desenvolvimento biopsicossocial e sexual não têm alcançado de forma ampla e adequada a maior parte dos adolescentes, ocasionando entre esses altos índices de desinformação sobre diferentes aspectos.

Nas últimas décadas, algumas mudanças ocorreram no estilo de vida da população incluindo seus valores, crenças e tabus, principalmente, àqueles relacionados à sexualidade. Hoje os profissionais de saúde e a sociedade em geral estão deixando de controlar a vida sexual dos jovens, transferindo para eles próprios a responsabilidade por sua conduta sexual.

De maneira geral, o adolescente não recebe na família, muito menos na escola, informações que envolvam as ISTs e, quando tem acesso, essas são muitas vezes limitadas e inadequadas, provenientes, principalmente, de amigos e de pessoas pouco preparadas para tal função, isso acaba gerando uma demanda que contribui para a chamada vulnerabilidade institucional e social, que possibilita incluir a existência de políticas e ações eficazes para o enfrentamento dos problemas relacionados às ISTs.

Sabe-se que a desinformação, associada aos estímulos veiculados na mídia e as informações recebidas no seu meio social contribui para a precocidade das atividades sexuais.

Os professores citaram que a falta de discussão da sexualidade, seja por falta de profissionais capacitados ou seja por preconceito, aliado aos valores distorcidos passados de pai para filho ou mesmo entre amigos, deixam os jovens muito vulneráveis a infecção, a gravidez e também ao preconceito:

Informações sobre o início da puberdade, alterações hormonais e comportamentais, gravidez na adolescência, prevenções a DSTs . (P12)

Sexualidade e necessidades especiais; Sexualidade e gravidez na adolescência; Sexualidade e DSTs. (P13)

Os assuntos sobre meu interesse são os métodos contraceptivos e de doenças (prevenção) e as DSTs. (P24)

DST, fertilidade, saúde da mulher e do homem. (P28)

Temos a escola como uma instância importante para a educação em saúde, portanto, devendo contemplar temas como ISTs, Sexualidade, Drogas (COSTA, 2010). Verificando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) pode-se observar que este assunto está incluído no programa, dentro dos Temas Transversais (PCN, 1998).

Os professores podem trabalhar com todos os aspectos importantes das ISTs, como tipos de infecção, as maneiras de prevenção, de tratamento e formas de contágio. De acordo com o estudo de Ribeiro e Souza (2003), essa temática é vista nos materiais pedagógicos como guias de Educação Sexual, manuais, livros didáticos, e nos temas transversais Orientação Sexual (PCN).

4.7 EDUCAÇÃO SEXUAL

A Educação Sexual requer do educador competências científicas, pedagógicas, embasamento teórico, conhecimento histórico, maturidade afetiva e valores éticos e estéticos.

Essas competências não estão sendo construídas na formação acadêmica, conforme o que se evidenciou nos dados colhidos sobre o percentual dos professores que não tiveram formação em Educação Sexual durante a Graduação, Especialização ou Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) que é de 73% (22 professores).

Gráfico 1. Professores que aprenderam sobre ES

Fonte: Dados do questionário da pesquisa 2016

Os professores precisam obter conhecimentos não apenas sobre anatomia e fisiologia, precisam compreender a dimensão de natureza histórica e política da sexualidade humana. Consideramos importante cruzar as informações da formação dos sujeitos da pesquisa com suas expectativas quanto ao que lhes parece relevante para uma proposta de formação.

Os professores demonstram as suas ideias de como almejavam uma formação em Educação Sexual e qual seria o tipo de formação que colaboraria para compreenderem suas dúvidas e dilemas sobre as categorias de gênero, sexo e sexualidade, homossexualidade, abuso e violência sexual, diversidade sexual e infecções e doenças relacionadas ao comportamento sexual. Os aspectos apontados pelos professores são: a) Formação conduzida por profissionais da escola, formação conduzida por profissionais externos e metodologia de formação participativa.

Os professores concordaram que um projeto de Educação Sexual deve contemplar estes três aspectos, que desta forma a formação poderia colaborar para o enfrentamento dos reais problemas e conflitos sexuais, já que engloba o trabalho de diversos profissionais, tanto da escola quanto externos.

O primeiro aspecto considerado é a *formação conduzida por profissionais da escola*. Sendo a sexualidade um tema transversal que não conta com um profissional responsável, e ao mesmo tempo a queixa frequente dos professores de que o tema é um forte interveniente na sala de aula, a questão se torna, muitas vezes, passada de profissional para profissional e o que era responsabilidade de todos acaba sendo de ninguém.

É de encargo de todos na escola promover a Educação Sexual, seria um equívoco designar essa responsabilidade a um ou outro, é um assunto inerente a todos que compõe o espaço escolar. As reflexões precisam ser promovidas da forma mais aberta possível, com o máximo de contribuições dos docentes, profissionais e de áreas diferentes. Quanto mais plural e diversificada se fizerem as discussões na escola, mais ricas, coerentes e fortes as mesmas serão. Não se pode promover uma discussão sobre a diversidade, por exemplo, de forma individual ou fragmentada.

A formação conduzida pelos profissionais da escola precisa estar alinhada ao que é necessário ao grupo, buscando a essência e o porquê das discussões para a realidade daquela comunidade escolar. É preciso esclarecimento sobre se a temática está sendo trabalhada por mera formalidade ou para de fato construir-se um ambiente escolar propício para acolher o outro em suas particularidades em prol de uma sociedade mais justa e inclusiva?

A postura da escola tem que ser aberta e receptiva quando orientada com relação a formação que envolve todos os profissionais da escola. Ter atitudes acolhedoras, fornecer respaldo através de ações formativas, assumir assim o compromisso de formar a todos naquele espaço sobre questões relacionadas com o tema são fundamentais para a construção de uma escola comprometida.

Observa-se algumas falas dos professores sobre esse assunto:

Acho que esse tema deve ser abordado nos encontros pedagógicos. (P2)

Acredito que o ideal seja um trabalho conjunto entre professores, que devem estar preparados para lidar com o assunto em caso de necessidade, CAED, enfermagem, psicologia e profissionais convidados. É importante que o sexo não seja tratado como algo ruim ou inconveniente, mas algo bom que exige responsabilidade, pois pode ter consequências. (P29)

Nas escolas é importante uma formação continuada acerca de sexualidade não apenas para os professores, os disseminadores dos currículos escolares, mas com o coletivo, ou seja, com toda a equipe pedagógica, desde o corpo de funcionários, coordenação pedagógica, gestão e supervisão escolar. Sugere-se inclusive essa formação continuada e orientação de todos por parte de grupos e universidades que desenvolvem pesquisas no âmbito da sexualidade, para que haja uma troca onde ambos contribuem para o enriquecimento do tema em ambas as realidades. (RIBEIRO, 2014)

O segundo aspecto diz respeito a *formação conduzida por profissionais externos*. Todo profissional que está diretamente envolvido com o processo de ensinar precisa de constante atualização de seus conhecimentos.

Em se tratando de temas comportamentais, além de atualização dos conhecimentos, também se faz necessário que adotem metodologias de ensino mais participativas e dialógicas com utilização de recursos didáticos variados, podendo contribuir para uma prática pedagógica mais segura do professor no trabalho da temática.

O terceiro aspecto diz respeito a *metodologia de formação participativa*. A metodologia de formação em Educação Sexual pode ser desenvolvida e aprendida nas relações que se dão no interior da escola.

Por isso, é importante que professores e professoras discutam seus pontos de vista e que exista uma pluralidade de valores, para que, diante dos impasses e da possibilidade de utilizar a sexualidade como tema transversal, possam proporcionar uma discussão que conceba as várias opiniões e posições representadas na sociedade, sem estimular preconceitos e competições desumanas.

Os professores elencaram as seguintes propostas de metodologia:

Curso presencial, com debates, defesa de várias opiniões e pareceres mais apropriados a cada caso. (P3)

Devem ser oferecidos cursos ou palestras aos professores para prepará-los melhor, e assim os professores se sentiriam mais seguros para lidar com situações que porventura surgirem nas salas de aula. (P5)

Com palestras, oficinas ministradas por profissionais da área que tenham vivência com estudantes. (P6)

Com grupos de estudos, conhecer a opinião de cada professor sobre a temática e suas experiências, identificando o porquê e para que - ver também sobre a abordagem religiosa. (P9)

O saber docente em educação sexual deve ser construído por meio de capacitação e a realização de projetos sistemáticos de ensino da sexualidade. É preciso seguir o modelo reflexivo de formação, no qual são valorizadas a experiência, a história de vida, a prática pedagógica e o saber do professor. (P15)

Além de ser ensinado os aspectos teóricos do assunto, ao professor deve ser ensinado a forma de trabalhar e trabalhar o assunto em sua vida pessoal, pois este é um assunto geralmente proibido e que causa muitas barreiras. (P19)

Deve ser realizada com toda a comunidade escolar, através de palestras, coaching e informações científicas para que seja possível ao educador mergulhar no universo deste tema, compreender a realidade do aluno, possibilitando ajuda e empatia. (P27)

Pode ser através de seminários ou oficinas de capacitação, ministradas por especialistas no assunto. (P30)

Vários professores trazem consigo ideias pré-concebidas e receios que, se não foram bem trabalhados, travam seu processo ensino-aprendizagem. O fato de achar que, ao falar sobre sexo, vai incentivar os alunos a fazê-lo; o receio de que não se pode ensinar além do que o aluno pergunta; o medo da reação

negativa que pode advir de alguns pais e a preocupação em ter que cumprir com o conteúdo programático de sua disciplina.

Esses sentimentos e atitudes não são conteúdos simples de ser trabalhados em uma formação, pois costumam ser resistentes à mudança e só depois de muita prática junto aos alunos, é que alguns professores conseguem superá-los. O contexto relacional que esses professores estão inseridos é consideravelmente empobrecimento, tratar de Educação Sexual em um contexto que as relações pessoais são baseadas em esquemas, interesses e individualidades é afirmar-se enquanto um sujeito que luta contra o empobrecimento dos vínculos afetivos. É também lutar contra diversas formas de preconceito, repressão e intimidação.

As necessidades de formação expressas pelos professores situam-se ao nível da apropriação de conhecimentos científicos, da clarificação dos conteúdos e dos objetivos adequados a cada ano de escolaridade, ao nível dos valores, bem como ao nível do saber lidar com situações do seu cotidiano relacionadas com a curiosidade das crianças, as situações problemáticas das mesmas (...) e a intervenção dos pais na escola (ANASTÁCIO, CARVALHO E CLÉMENT, 2010, p. 9).

Pode-se inferir pela análise das falas desses professores que os mesmos são sujeitos que almejam uma intervenção que se adote uma relação empática, segura e aceitante. Assim sendo, as formações de professores precisam conter atividades planejadas para abarcar os problemas do grupo. Sem o devido enquadramento e limitadas à abordagem redutora, a formação de apenas alguns aspectos específicos não se pode chamar de uma ação de Educação Sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito que pesquisar acerca da sexualidade e da Educação Sexual, das relações de gênero, do comportamento sexual dos indivíduos. São diversos fenômenos de natureza moral e social que alteraram ou sugeriram formas de experimentar a sexualidade.

Espera-se que esta proposta de formação de professores em Educação Sexual que ocorreu no IFRO possa colaborar para iniciativas de formação em outras escolas do município de Ji-Paraná, de outros municípios de Rondônia e do país, como também possa servir para embasar discussões das interfaces entre a Educação Sexual e a produção de conhecimentos, ofertando um apoio aos pesquisadores em nível de graduação e pós-graduação, sobre o ensino da Educação Sexual.

Confirmamos a necessidade de uma maior colaboração entre o ensino básico e as universidades. Para suprir as demandas atuais na formação de professores para Educação Sexual é necessário um maior

investimento dos governos, mobilizando as universidades, fazendo com que suas pesquisas sigam para além da produção de conhecimentos e materiais didáticos e participem ativamente do planejamento e execução de atividades junto aos professores do ensino básico.

Foi possível compreender que a Educação Sexual não se faz por meio da implantação de medidas repressivas ou de programas esporádicos de sensibilização para professores. Faz-se necessária uma ação contínua e permanente de formação desses (as) profissionais, na garantia da liberdade de expressão sexual como um direito fundamental da pessoa humana.

Ao compreender o espaço escolar como um lugar onde se prepara o indivíduo para a vida social, aprendendo as normas, valores, atitudes, comportamentos que a regem, tem-se, também, a compreensão de que o espaço escolar é construído cultural e historicamente e, portanto, veículo, muitas vezes, de ideologias e de uma visão de mundo que cristaliza práticas discriminatórias, sejam estas de orientação sexual, de gênero, entre outras.

Também foi possível entender que propostas de formação que favoreçam a investigação da realidade escolar, a partilha de saberes, a reflexão coletiva alimentada pela teoria e articulada a essa realidade, o conhecimento de si e do outro, trazem possibilidades de transformação do cotidiano escolar.

Por fim, esta proposta buscou discutir as concepções de professores sobre a formação para o trabalho com Educação Sexual, já que estes profissionais, estando incluídos na vida cotidiana dos adolescentes, podem acompanhar seu desenvolvimento e relacionamento nos diversos grupos sociais e assim contribuir de forma categórica para o desenvolvimento integral desses discentes.

O docente, porém, precisa ser capacitado e amparado para o tema, ainda que essa capacitação seja realizada dentro da escola, com trocas de experiências entre os pares. É preciso levar em consideração a diversidade já existente entre os profissionais que se distinguem pelas diferenças de idade, de formação, de religião, de orientações sexuais e de modos de perceber a sexualidade e a vida.

REFERÊNCIAS

ANASTÁCIO, Z., CARVALHO, G., CLÉMENT, P. Concepções dos professores de 1º CEB sobre o contributo da educação sexual para a promoção da saúde e sua relação com a formação. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt>. Acesso em: 31.07.2017.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa. Lisboa: Edições 70, 2007.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura (Gouveia, A. J., Trad.). In Nogueira, M. A. & Catani, A. (Orgs.). Escritos e Educação. Petrópolis, RJ: Vozes.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: orientação sexual. Brasília: MEC/SEF Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em 24 de agosto de 2021.

DIAS, Maria Berenice. Conversando sobre homoafetividade. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004

FIGUEIRÓ, M.N. D. Formação de Educadores sexuais: adiar não é mais possível. Campinas, SP: Mercado de Letras, Londrina, PR: Eduel, 2006.

FREITAS, Maria Ester. Assédio Moral e Assédio Sexual: faces do poder perverso nas organizações. RAE -Revista de Administração de Empresas.v.41 n. 2. p. 8-19. 2001

FUKS, Lucia Barbero. Abuso sexual de crianças na família: reflexões psicanalíticas IN: VOLNOVICH, Jorge. Abuso sexual na infância. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2005.

FURLANI, J. Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOTT, Luiz. Homossexualidade: mitos e verdades. 1ª ed. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.

MULLER, L. Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais. São Paulo: Academia do Livro, 2013.

NUNES, César Aparecido. Desvendando a sexualidade. 7ª. ed. Campinas: Papirus, 2005.

NUNES; SILVA, E. A Educação Sexual da Criança. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e educação: aproximações necessárias. São Paulo: Arte e ciência, 2004.

ROSISTOLATO, R. P. Orientação sexual com “jeitinho” brasileiro: uma análise antropológica da intervenção escolar na socialização afetivo-sexual dos adolescentes. (Tese de doutoramento). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2009. Disponível em:

<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-49003/orientacao-sexual-com-e034jeitinho-brasileiroe034---uma-analise-antropologica-da-intervencao-escolar-na-socializacao-afetivo-sexual-dos-adolescentes>. Acesso em: 23 de março de 2021.

ROUDINESCO, E. La famille en désordre. Paris: Fayard. 2002.

SAIA, S. Professor universitário no contexto de suas trajetórias como pessoa e profissional. In: MOROSINI, M. (Org.). Professor do ensino superior: identidade, docência e formação. 2. ed. Brasília: Plano, 2001. p. 35-60.

SANTOS, José Vicente Tavares dos (Orgs). A palavra e o gesto emparedados: a violência na escola. PMPA, SMED. 1999.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. 3.ed. São Paulo: Summus, 1997.

SOUSA, M. do C. de. Produtos educacionais de Matemática elaborados por professores da Educação Básica no âmbito do NIPeM. Disponível em:

<http://www.enrede.ufscar.br/participantes_arquivos/E3_Sousa_TA.pdf>. Acesso em: 30 de Outubro 2017.

SUPLICY, Marta et al. Sexo se aprende na escola. 2. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

WHO. Standards for Sexuality Education in Europe - A framework for policy makers, educational and health authorities and specialists. Cologne: Federal Centre for Health Education, 2010.

ANEXOS

Anexo 1 – Modelo de questionário para aplicação com os professores

INFORMAÇÕES PESSOAIS

Nome (opcional): _____
Idade: _____
Graduação em: _____
Mestrado em: _____
Doutorado em: _____
Em que ano começou a lecionar? _____
Há quanto tempo leciona na escola? _____

FORMAÇÃO

Titulação

- 1) Durante a Graduação, Especialização *Lato Sensu*, Mestrado ou Doutorado você aprendeu sobre Educação Sexual? () Sim () Não

Formação Continuada

- 2) Você já participou de formação continuada em Educação Sexual? (exemplos: cursos, capacitações, oficinas, colóquios, congressos, seminários ou outros)
() Sim. Responda de que tipo foi esta formação: _____
() Nunca participei.
() Não lembro.

- 3) Você considera que uma formação continuada em Educação Sexual é pertinente para sua vida e para sua prática em sala de aula?
() Muito pertinente.
() Pertinente.
() Pouco pertinente

- 4) Quais os assuntos sobre gênero, sexualidade e sexo que despertam seu interesse?

- 5) Em sua opinião, como deve ser uma formação em Educação Sexual para professores?

PRÁTICAS EDUCATIVAS

- 6) Você ministrou algum conteúdo relacionado a sexo, gênero e sexualidade em suas aulas?

() Sim () Não

- 7) Você vivenciou alguma situação em sala de aula em que precisou falar sobre sexo, sexualidade ou gênero?

() Sim. () Não

- 8) O que você fez?

(Responder esta pergunta somente se respondeu SIM na questão número 7)

() Conduziu o momento com naturalidade e de acordo com o que sabia sobre o assunto.

() Conduziu o momento, mesmo não se sentindo preparado(a) para abordar a temática.

() Conduziu o momento de forma a voltar para o foco da aula, porque não tinha a ver com o conteúdo de sua disciplina.

() Encaminhou ou registrou a situação na Coordenação.

() Outros:

9) Quem você considera que deve ensinar Educação Sexual na escola? Obs: Pode-se assinalar mais de uma alternativa.

- ☐ Todos os professores.
- ☐ Os professores das áreas biológicas e de humanas.
- ☐ A Coordenação da escola.
- ☐ A enfermeira da escola.
- ☐ A psicóloga da escola.
- ☐ Orientação educacional.
- ☐ Deve ser feito um trabalho conjunto entre professores e os diversos profissionais da equipe multiprofissional.
- ☐ A escola deve convidar um profissional como ginecologista, sexólogo, educador sexual, entre outros, para tratar do tema.
- ☐ A Educação Sexual não deve ser trabalhada na escola.
- ☐ Outros: _____

Anexo 2 – Plano de Ensino em Educação Sexual

AÇÕES PREVISTAS

1º Encontro

Por meio do questionário pode-se colher as impressões dos professores e em seguida trabalhá-las a partir do contexto da escola e da literatura, em que se compreende como a Educação Sexual faz parte da formação dos professores, que pode se dar por meio de sua disciplina e na maioria das vezes de forma não planejada.

Sugere-se abordar a vivência da sexualidade entre os participantes. Pode-se elaborar uma apresentação em slides com imagens explicativas para discutir com

os envolvidos as questões acerca da imagem corporal, mudança comportamental (psicológica) e transição da infância, adolescência e fase adulta. Os professores participam expondo suas vivências e medos e demonstram suas expectativas para o futuro.

2 ° Encontro

Orienta-se buscar uma perspectiva de educação para a sexualidade saudável nas escolas, a partir da constatação de que algumas escolas não entendem a temática da sexualidade, mais especificamente da violência sexual contra crianças e adolescentes, como um componente curricular. Outro aspecto que reforça a importância de discutir a sexualidade na escola é que os assuntos que envolvem essa temática, como os desejos, medos, afetos, conhecimentos, prazeres e ideias, estão no dia a dia, na família, na mídia, na religião, entre outros espaços. Para que o professor possa trabalhar a educação para a sexualidade com as crianças e os adolescentes, o educador precisa trabalhar antes o tema consigo mesmo. A violência sexual também pode ser abordada em sala de aula com vistas à prevenção. Diante do surgimento da abertura de interpretações sobre como se trabalhar o tema, o professor precisa estar ciente que as questões referentes ao tema podem surgir em diferentes momentos para cada aluno ou grupo, e mesmo que o professor já tenha discutido o assunto em sala de aula, pode ser necessária sua retomada.

3° Encontro

Os encontros formativos devem visar como produto um plano de trabalho para o enfrentamento das situações que envolvem a sexualidade, como também a proposta de acolhimento ao professor, sendo que ele passa a conhecer as pessoas que podem apoiá-lo em suas dúvidas.

As questões que envolvem a sexualidade podem ser trabalhadas nas disciplinas e aos professores que ministram disciplinas que já trabalham com temas que envolvem a Educação Sexual passariam a trabalhar de forma mais

integrada, convidando outros colegas para participarem deste momento, garantindo assim as diversas visões e opiniões sobre o tema.

AVALIAÇÃO

O processo de avaliação pode ocorrer de forma contínua, pela participação e nível de interesse. Porém a avaliação da aprendizagem no nível da docência deve assumir a função de transformação, que proporcione ao professor autonomia para não restringir a sua capacidade de aprender.

Anexo 3 – TEXTO COMPLEMENTAR

A CARA DA VIOLÊNCIA (Autora: Lívia Catarina)

Existirá algum dia em que não vamos testemunhar a violência?

Existe alguém que nunca tenha sido vítima dela?

A violência tem muitas facetas.

Pode ser um empurrão que te deram quando era criança

Um beliscão sem motivo aparente

Ou mesmo um espancamento

Que demorou horas para acabar.

Pode ser que você não tenha apanhado

Mas foi violentado

Por não ter direitos.

Direitos de estudar

De ter um lar

Até mesmo o direito de falar

Pode ter sido lhe tirado.

A violência continua

E é ainda mais dura

Quando você é indefeso.

Quando se é criança ou adolescente

Alguém precisa cuidar e proteger você

E se ninguém puder te ouvir?

E se você estiver sozinho

Qual é a cara da violência?

Anexo 4 – Modelo de atividade

FICHA DE ATIVIDADE

NOME DA ATIVIDADE: A escola e a diversidade

NÍVEL DE ENSINO: Ensino Médio

OBJETIVO(S) DA ATIVIDADE: discutir e posicionar-se diante das situações de preconceito e discriminação, buscando identificar formas de enfrentar esse tipo de violência na escola.

MATERIAIS DE APOIO NECESSÁRIOS: sala ampla, papel, lápis e tiras com as quatro situações.

DURAÇÃO DA ATIVIDADE: 2 horas

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

- Peça que se dividam em quatro grupos e informe que receberão quatro situações fictícias (em anexo), mas que poderiam ter ocorrido em qualquer escola. Deverão ler a situação e discutir o que fariam caso aquele episódio acontecesse na escola.
- Informe que terão de 20 a 30 minutos para discutir e 5 minutos para apresentar as conclusões.
- Sugira que escolham uma relatora ou um relator para tomar notas e apresentar a síntese da discussão ao restante da turma.
- Quando terminarem as apresentações, aprofunde a discussão a partir das seguintes questões:
 1. Das situações encenadas, qual chamou mais a atenção? Por quê?
 2. Quem daria uma resposta diferente a alguma das situações apresentadas? Qual? Por quê?
 3. O que é preconceito?
 4. O que é discriminação?
 5. Quais são as pessoas na escola que mais sofrem preconceito e/ou discriminação?

FINALIZAÇÃO

Preconceito refere-se a predisposições negativas a respeito de uma pessoa ou um grupo de pessoas com base em características físicas ou culturais. Discriminação, por sua vez, diz respeito à conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com

base em critérios injustificados e injustos, como raça/etnia, gênero, orientação sexual, idade e opção religiosa. A escola tem papel fundamental para lidar com essas situações: ampliar a discussão sobre as diversidades (de gênero, raça/etnia, classe social, sexual etc.) e transformar o espaço de aprendizagem em local de exercício de cidadania, defesa dos direitos humanos e respeito às particularidades individuais.

NOTAS

Notas 1

Fonte: CREAS de Ji-Paraná

Nota 2

Este termo faz parte dos procedimentos que devem ser observados para todas as pesquisas que envolvem seres humanos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) em 30 de setembro de 2016.

Nota 3

Enumeraram-se os professores a partir do 1 até 30, sendo que será desta forma que serão identificados na pesquisa, de modo a preservar a identidade dos sujeitos.